

HISTÓRIA DAS MULHERES: BELEZA FEMININA ATRAVÉS DA REVISTA A CENA MUDA - 1940:

De onde vem essa beleza?

Natália Correia de Melo¹

RESUMO:

Esse artigo tem como intuito analisar como os padrões de beleza feminina foram disseminados no Brasil na década de 1940, a partir da revista *A Cena Muda*. Assim, observar como as práticas discursivas criaram uma estética comportamental para os corpos femininos segundo o que era entendido como uma realidade norte-americana. Com isso, entender como os padrões de beleza eram postos e de onde eles partiam, uma vez que as edições da revista estavam estampadas por mulheres brancas, magras e “felizes”, o que não condizia/condiz com a nação brasileira, marcada pelo processo de escravização e com base nisso, compreender as razões pelas quais os corpos negros não apareciam com frequência na revista e quando apareciam ocupavam papéis historicamente marginalizados.

PALAVRAS-CHAVE: A Cena Muda; Mulher; Beleza; Corpo.

WOMEN'S HISTORY: FEMALE BEAUTY THROUGH THE MAGAZINE A
CENA MUDA -1940: Where does this beauty come from?

ABSTRACT:

This article aims to analyze how female beauty standards were disseminated in Brazil in the 1940s, based on the magazine *A Cena Muda*. Thus, observe how discursive practices carried out a behavioral aesthetic for female bodies, which was understood as a North American reality. With this, understand how beauty standards were set and where they came from, since the editions of the magazine were printed by white, thin and “happy” women, which did not match/conform with the Brazilian nation, marked by the process of slavery and based on this, understand the reasons why black bodies did not appear frequently in the magazine and when they did, they occupied historically marginalized roles.

KEYWORDS: A Cena Muda; Woman; Beauty; Body.

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba (2019) e em Letras Português/Inglês pelo Centro Universitário Venda Nova do Imigrante (2023), especialista em Metodologia do Ensino de História pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2024), mestra em História pela Universidade Federal de Campina Grande (2023) e doutoranda em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); <https://lattes.cnpq.br/4266086604765806>; CNPq; nataliacorreia06@hotmail.com

Introdução

Segundo o acervo digital da Biblioteca Nacional Digital Brasil, a *Cena Muda* foi a primeira revista de cinema realmente popular editada que circulou no Brasil. Os principais temas da revista eram em torno do cinema de Hollywood, iam desde os filmes que estavam sendo lançados até a vida pessoal dos artistas. O periódico circulou de 1921 a 1955 através da Companhia Editora Americana S.A., à princípio era publicado semanalmente, quinzenalmente até março de 1955 e mensalmente até sua última edição.

De acordo com Goellner (2003), o corpo existe para além do conjunto de tecidos, órgãos, músculos e ossos. Para compreendê-lo, tem que se pensar para além disso, o corpo é conjunto que envolve as roupas, acessórios, a forma de se comportar, os gestos. Ele é o todo que forma a imagem e a partir disso teremos a formação dos padrões de beleza.

Louro (2003) concorda com essa noção de que o conceito do corpo envolve muitos aspectos para além dos físicos e biológicos. Para ela, ao longo tempo ele ganha representações temporárias e significados dados mediante à linguagem, ou seja, é basicamente aquilo que é classificado como feio ou belo pela sociedade. Louro (2003) afirma que assim como a mente o corpo também aprende, nesse sentido, é preciso observar como os discursos operam e organizam as práticas educativas e culturais em torno do conceito de beleza.

Esses discursos que circulam através da mídia exercem um tipo de dominação discreta e silenciosa que entram numa maquinaria do poder, segundo Foucault (2013), mas que possui grande força no interior daquele que é dominado e que se vê refém das cobranças que o sistema o faz a todo tempo para ser de um jeito ou de outro. Vale ressaltar que as revistas chegam ao seu público com uma

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

certa constância aumentando ainda mais a sua capacidade de normatização de práticas.

O corpo humano entra numa maquinaria do poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (FOUCAULT, 2013. p. 133).

Beleza nas páginas da revista A Cena Muda

Na revista, as fotografias das mulheres atrizes apareciam constantemente, corpos magros e brancos, dentro dos padrões de magreza da época que são distintos dos que temos atualmente, não é um corpo malhado ou “sarado” excessivamente, mas com curvas evidentes como o da atriz Jean Wallace (1923-1990) da figura 1, referente à edição de 20 de maio de 1947.

Além disso, percebemos na vestimenta da atriz um traje bastante ousado que deixa à mostra as pernas, o que não era tão comum para época tendo em vista que esse tipo de roupa estava ainda começando a se popularizar. É possível ainda observar os babados que também eram bastante utilizados na década de 1940.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 1: O corpo ideal.



Fonte: A CENA MUDA. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana S.A. 20 de maio de 1947. p. 15.

O padrão de beleza que constantemente esteve nas páginas da revista foi o da mulher branca, magra, feliz, dócil e norte-americana. Embora vez por outra artistas brasileiros fossem abordados nos artigos das revistas, a referência era sempre a cultura estadunidense, consequentemente, os padrões a serem tomados também seriam os de lá. Na edição de 19 de agosto de 1947 podemos ver a importância que

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

a cultura dos Estados Unidos significava com a seguinte reportagem de Armando Migueis: “*Léa Silva voltou dos Estados Unidos.*” (p. 8).

Figura 2: Léa Silva.



Fonte: A CENA MUDA. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana S.A. 19 de agosto de 1947. p. 8.

De acordo com Sant’Anna (2018), o cinema conseguiu em seu universo tratar bem dos atributos que constituíam o charme. Léa Silva foi diretora e locutora do

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

programa de rádio *A Voz da Beleza* e através dele tinha o papel de combater a feiura, principalmente, os traços dela e tinha vários truques para isso.

Densidade de um passado vislumbrada no modo de olhar, no gesto de levar o cigarro à boca, no ligeiro toque dado ao chapéu e na elegância impecável da vestimenta. Os atributos do charme são difíceis de detectar com precisão, mas o cinema soube explorá-los com maestria. Léa da Silva em “A voz da Belleza”, da *Revista da Semana*, aconselhava muitos truques para combater o aspecto feio, especialmente no rosto feminino. (SANT’ANNA, 2018. p. 74)

Na descrição da sua reportagem, Armando Migueis afirma: *“Impressões da exclusiva da Rádio Nacional – visitando centros de beleza e observando novos métodos – Primeiras atrapalhões por causa da pronúncia – Concedendo entrevistas e elogiando a mulher americana – Música popular e Carmen Miranda.”* (p. 8)

Nos centros de beleza, espaços para as pessoas influentes da sociedade estadunidense, conheceu alguns dos novos métodos de cuidado da pele e como funcionavam.

Visitei os mais famosos institutos de beleza de Nova York. Num deles, o “Face Contour”, encontrei uma das últimas invenções para corrigir rugas da pele sem operação plástica. O tratamento é feito por meio de massagem cientificamente estudada, a fim de fazer trabalhar todos os músculos da face e colo. Um método original mas eficiente que evita as feias cicatrizes que muitas vezes ficam marcando a pele após uma operação plástica. Outro, o “Skin Culture”, é também um grande instituto de beleza, em pleno coração da Quinta Avenida, sob a direção de um famoso médico russo. Ali, a cultura da pele merece toda a atenção de médicos, enfermeiros, massagistas e etc. A instalação é luxuosa e impressiona bem. Esse instituto possui centenas de atestados de senhoras influentes da sociedade norte-americana. (SILVA, 1947. p. 8)

Léa Silva deixa claro que foi aos Estados Unidos para poder estudar e se aperfeiçoar no que consistia a beleza, quais aspectos poderiam ser considerados belos e quais não. Além disso, quais procedimentos estavam em alta para serem realizados para se alcançar esse padrão.

Ali fui, com o desejo de ampliar os meus conhecimentos e ao mesmo tempo ver de perto a beleza da mulher americana, que tanto encanto nos revela através de revistas e filmes. Quis ainda conhecer a pátria de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Roosevelt e admirar o progresso dessa grande nação amiga. (SILVA, Léa. 1947. p. 8)

Fica evidente em seu discurso as intenções que tinha, sobretudo, entender a dita mulher americana e como a política norte-americana chegava até o Brasil e conseguia passar a ideia de nação próspera, que está rumo ao progresso sempre, e que é amiga da nação brasileira, não por acaso aparece mais uma vez Carmen Miranda, um dos principais símbolos dessa “amizade”.

A música popular nos Estados Unidos é queridíssima. Está fazendo um grande sucesso, atualmente, o samba cantado por Patrício Teixeira, intitulado “Quero chorar, não tenho lágrimas”. As casas que vendem músicas e discos, na Broadway, começam a tocar o samba desde às nove horas da manhã estendendo-o até altas horas da madrugada. O sucesso é tão grande que o mesmo foi traduzido para o inglês e castelhano, sendo gravado nos dois idiomas. Além dessa melodia, “Tico tico no fubá” e “Aquarela do Brasil”, ainda são as preferidas. Quanto a Carmen Miranda, é de fato a pequena querida do país amigo. Foi classificada como uma das mulheres que mais dinheiro ganharam em 1946. Divulgou o nome do Brasil e tornou a nossa terra bem conhecida dos americanos. Ela ainda continua com sua graça infinita e os gestos que faz com as mãos encantam os assistentes. A propósito, vou contar-lhe um fato curioso: um dia, descendo o elevador do edifício Power School, e como estivesse trajada elegantemente, um americano confundiu-me com uma de suas patrícias, dirigindo-me a palavra para fazer perguntas. Expliquei-lhe, então, ser brasileira. Ele todo sorridente disse: “Oh!... Carmen Miranda’... Como vê, o prestígio da nossa estrela não pode ser contestado. (SILVA, p. 9)

Uma necessidade também de ver que não somente a cultura norte-americana nos influenciava, mas que também a cultura brasileira tinha um espaço dentro daquela sociedade, que um tipo de troca recíproca. Interessante notar que ao final do seu relato, Léa Silva afirma que foi confundida com uma “patrícia” pelo fato de estar bem vestida, ou seja, caso não estivesse tão elegante como diz, não seria confundida com tal. Tais palavras remetem ao ideal de que havia uma forma de se vestir específica daquelas mulheres e que compunha a estética comportamental daquele grupo.

Outros aspectos que faziam parte da criação dessa estética também estão presentes nas imagens da revista, que são os penteados, comuns da década de 1940,

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

as bocas chamativas devido aos batons utilizados e apetrechos, como brincos e colares compostos por bastante brilho. Na imagem a seguir, feita para a edição de 2 de setembro de 1947, podemos identificar as joias utilizadas, os penteados muito bem elaborados e os lábios preenchidos com batom.

Figura 3: Beleza nos penteados, batons e apetrechos.



Fonte: A CENA MUDA. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana S.A. 2 de setembro de 1947. p. 15.

Esses elementos fazem parte da construção da imagem, do corpo, dos símbolos que regem o conceito de beleza e de corpo ideal, pois como mencionado anteriormente, o conceito de corpo também engloba esses aspectos que vão além dos tecidos e órgãos, e que nesse contexto são influenciados pelo padrão de beleza americano, as mulheres aqui retratadas são as norte-americanas brancas. Portanto, muitas vezes os traços físicos não eram compatíveis com as mulheres brasileiras e nem mesmo com as norte-americanas negras, apesar de ser um país marcado pela

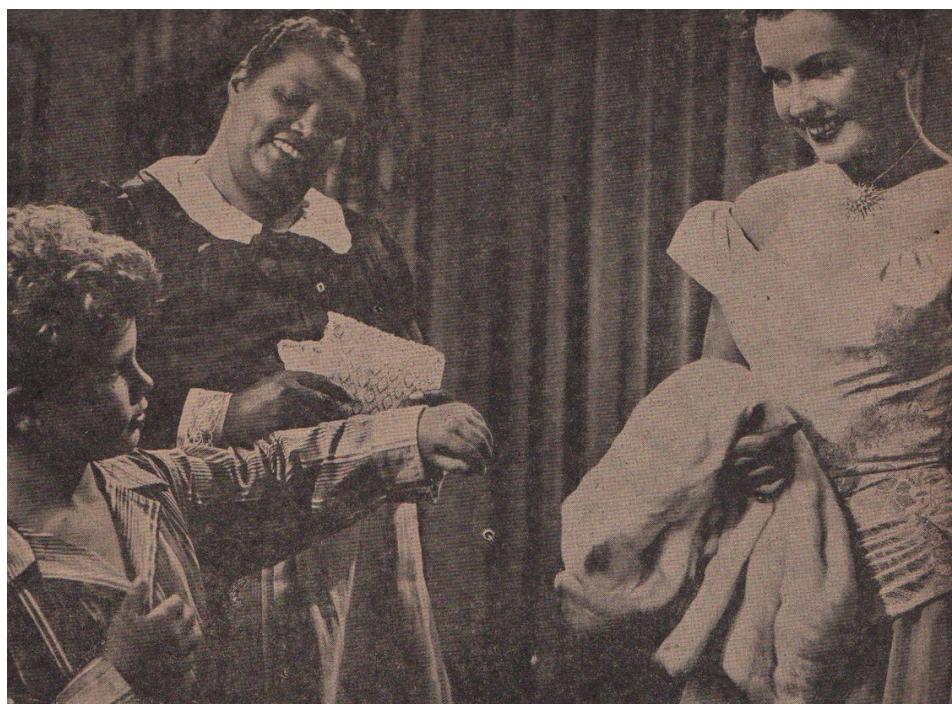
ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

diversidade racial devido ao processo de colonização, as mulheres brasileiras não possuem somente traços finos ou até mesmo peles tão claras, apesar de suas exceções, mas esses padrões acabavam sendo alvo de desejo por boa parte delas.

Quando aparece na revista, a mulher negra ocupa o lugar de empregada ou babá, o que reforça a rede instaurada no período da colonização e sua continuidade no colonialismo e na colonialidade. Na legenda da fotografia temos a seguinte descrição: “... a linda Frances Giffard, a volumosa Ruty Dandridge e o pequeno Dean Stockwell como aparecem em “O Caso Arnelo”. (p. 15) A mulher branca, magra e mãe da criança recebe o adjetivo *linda*, enquanto a outra atriz recebe o termo *volumosa* para descrevê-la, o que remete mais uma vez o conceito de beleza para aqueles que possuem a pele branca e corpo magro.

Figura 4: Ruty Dandridge.



Fonte: A CENA MUDA. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana S.A. 26 de agosto de 1947. p.15.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Não é raro encontrar produtos com o intuito e a promessa de garantir os padrões de cor da pele desse contexto, de embranquecimento e “limpeza”. A própria revista *A Cena Muda* trazia em suas edições anúncios deles.

Na edição de 24 de setembro de 1948, podemos ver a propaganda de um produto chamado Rugol com a seguinte afirmação:

As mulheres lindas afirmam: Rugol é formidável porque com 1 só creme limpa, clareia e embeleza a pele! O Creme Rugol aplicado à noite, clareia a pele, deixando-a limpa, fresca e transparente. Usado como creme embelezador, suaviza a cutis e lhe dá um encanto irresistível. Serve também como excelente base para maquiagem. Rugol é muito indicado para os casos de pele imperfeita, porque elimina os cravos, rugas, espinhas e manchas. Comece a usar hoje o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura...diáfano esplendor de primavera. (A CENA MUDA, 1948. p. 33)

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 5: Rugol¹.

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA
em São Paulo:
Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613
2.º AND. SALA 217
FONE — 6-6718

AS MULHERES LINDAS
AFIRMAM:
**RUGOL é formidável
porque com 1 só creme
LIMPA, CLAREIA E
EMBELEZA A PELE!**

O Creme Rugol aplicado à noite,
clareia a pele, deixando-a limpa,
fresca e transparente. Usado
como creme embelezador, su-
aviza a cutis e lhe dá um encanto
irresistível. Serve também como
excepcional base para a maquiagem.
Rugol é muito indicado para
os casos de pele imperfeita, por-
que elimina cravos, rugas, erup-
ções e manchas. Comece a usar
hoje o Creme Rugol, que dá à
cutis maravilhosa brancura, di-
fundo esplendor de primavera.

Quase todas as imperfei-
ções da cutis nascem nas
camadas sub-
cutâneas, onde é neces-
sário estimular e nutrir
a pele.

Aplique Rugol todas
as noites, com massas-
tagens de 2 a 3 minutos.

Rugol
CREME

Mantenha em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

tranquilizar um pouco o ator,
Warner instalou em sua cabana
uma estação de ondas curtas, pela
qual ele recebia a marcha dos
técnicos. Andando de um
lado para outro em frente ao re-
tor, Bruce acabou resolvendo
qualquer coisa aos colegas,
e olhavam solidariamente.
Se isso: — Não é que eu este-
nervoso, não. Mas é que é a

verão uma garota inesquecível,
de acordo com a opinião unân-
ime dos homens que tomaram
parte na filmagem. O nome da
pequena é Joan Lawrence. Tem
olhos e cabelos castanhos, vinte
anos e muita coragem, pois saiu
do colégio e enfrentou Hollywood
e suas tristezas desassombrada-
mente... E o papel de Joan em
"The Voice of the Turtle" é jus-

por ondas curtas... Ou melhor, é
a primeira vez que minha mu-
lher tem uma criança pelo rá-
dio... Ora, bolas! Vocês sabem o
que quero dizer!

— Os assistentes de "The Voi-
ce of the Turtle", comédia ro-
mântica da Warner Bros, com Ro-
nald Reagan e Eleanor Parker,

inesquecível".

— Para os interessados uma
boa e triste notícia ao mesmo
tempo. Trata-se da volta de
George O'Brien, o antigo astro de
tantos bons filmes de "far-west",
que reaparece agora em "My Wild
Irish Rose", musical teatralizado
da Warner Bros. George faz neste
filme o papel de um palhaço e
posa com Atlas e alguns outros
deuses gregos. — Contado do
George!

— Negociações entre Louis B.
Mayer e Al Jolson resultaram
numa continuação do filme sé-
rie a vida do grande astro há
pouco produzido com Larry Parks
no papel central. A produção fi-
cará a cargo de Edwin Knopf, que
terá a assistência de Al Jolson
em todos os detalhes do trabalho.
Na nova história, Al Jolson can-
tará todas as grandes canções
que o celebrizaram.

— S. Sylvan Simon foi indi-
cado para a direção da nova co-
média de Red Skelton, "A Sou-
thern Yankee", quinta película
em que os dois colaboram. O fi-
me se desenrola sobre a guerra
civil americana, fazendo Red o
papel de um espírito que trabalha
para ambos os lados.

— Reparecendo no estúdio de
Metro, após o término de "The Win-
ter Comes", Walter Pidgeon en-
trou diretamente na alcataria da
Metro para se preparar para "Ju-
lia Mialchayev", seu próximo tra-
balho com Greer Garson. A dire-
ção da película está confiada a
Jack Conway. — Como vemos,
ai vem a popularíssima dupla.

BRUTALIDADE
(Cont. da pág. 79)

— Não posso fazer grande coisa, posso?
replicou Joe, caretando. E foi então que
bebeu que há tanto o atormentava tomou
na e se tornou uma necessidade. Sua noi-
estava doente. Morreria se ele não fosse
junto dela. De qualquer maneira, por
quer buraco, precisava escapar...

Na manhã seguinte, exatamente às dez e
Joe Collins entrou no gabinete do dr.
era...

Estou esperando ser reclassificado, —
lou ao médico, que o olhava surpreso. —

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
duto do laboratório de GUARAMIDINA

Munsey achará outro serviço para mim. E lá
sempre acha...

— Bem, sente-se aqui, — convidou Wal-
ter. — Já mesmo procurá-lo. E' bom que
tenha aparecido. Um doente meu, o velho Pat
Regan, quer falar com você. Há um passe
para a enfermaria em cima daquela mesa.

— Obrigado. — Então Joe pediu ao médi-
co que lhe explicasse tudo sobre câncer. E
ficou sabendo que era uma doença que de
modo algum significava morte, mas que, na-
turalmente, cada caso tinha os seus particu-
lares. — E o mais importante, — concluiu o dou-
tor, — é o fator tempo. — Olhou pesaroso
para Joe. — Alguém chegou?

— Sim, — respondeu Joe. — Mas, doutor,
que horas são?

— Um dez e meia...

— Tem certeza?

Walter encarou-o intrigado e olhou para
o relógio.

— Para ser exato, são dez e vinte e sete.

Por que?

Joe não respondeu, mas em poucos minu-
tos a resposta veio por telefone. Um chama-

Fonte: A CENA MUDA. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana S.A. 24 de fevereiro de 1948. p. 33.

De fato, algumas manchas na pele são comuns, principalmente, devido à ação do sol e do tempo nos tecidos humanos. No entanto, aqui se fala de “brancura”, de um produto que tem como objetivos não somente reduzir “problemas” na pele, mas também deixá-la branca. A palavra que mais causa inquietude no anúncio é esta – brancura – pois é ela que revela o ideal de beleza para essa sociedade, era necessário, então, possuir a pele branca para que ela fosse considerada perfeita.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

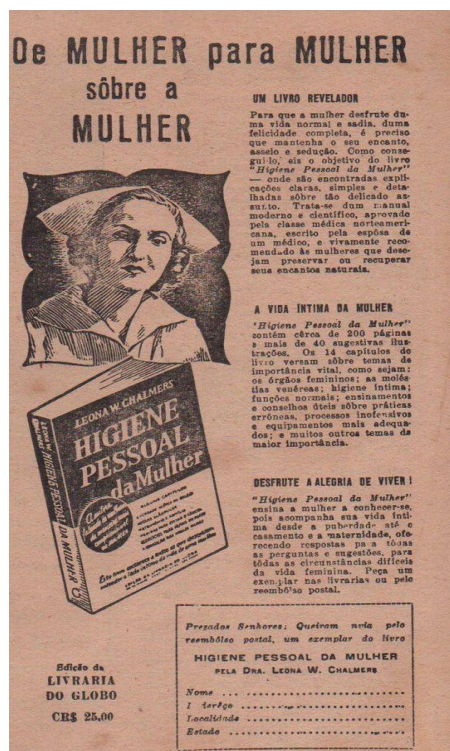
O universo exposto nas edições das revistas era de muita vaidade, glamour e de um tipo de beleza específico tradicional, não somente do cinema norte-americano, mas de sua sociedade como um todo, o que não condiz com a realidade do seu processo histórico-social de uma país, assim como o Brasil, colonizado, é claro que em contextos distintos, mas que é marcado também pela escravização e, conseqüentemente, possui outros tipos e padrões raciais. Na edição de 7 de julho 1947, vemos uma propaganda acerca de um livro intitulado *Higiene Pessoal da Mulher* que tinha como objetivo falar desde a higiene íntima até conselhos da vida como esposa e mãe.

Para que a mulher desfrute duma vida normal e sadia, duma felicidade completa, é preciso que mantenha seu encanto, asseio e sedução. Como consegui-lo, eis o objetivo desse livro. “Higiene Pessoal da Mulher” – onde são encontradas explicações claras, simples e detalhadas sobre tão delicado assunto. Trata-se de um manual moderno e científico, aprovado pela classe médica norteamericana, escrito pela esposa de um médico, vivamente recomendado às mulheres que desejam preservar ou recuperar seus encantos naturais. (A CENA MUDA, 8 Jul 1947. p. 33)

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 6: De mulher para mulher.



Fonte: A CENA MUDA. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana S.A. p. 23 de setembro de 1947.

Portanto, um manual que foi feito por quem tinha um lugar de reconhecimento naquela sociedade, ainda que fosse mulher, mas de uma classe privilegiada e que tinha, sobretudo, propriedade de fala do assunto. Além disso, foi aceito e legitimado pela classe médica norte-americana. É importante destacar também que o nome da autora não é mencionado, apenas o fato dela ser esposa de um médico, algo bastante comum na revista e naquela sociedade, a mulher ser retratada a partir de seu marido/casamento.

De acordo com o livro, é preciso ter além de um corpo limpo dentro dos padrões de higiene da época, um corpo feminino que é feliz, sadio, encantador e sedutor.

"Higiene Pessoal da Mulher" contém cerca de 200 páginas a mais de 40 sugestivas ilustrações. Os 14 capítulos do livro versam sobre temas de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

importância vital, como sejam: os órgãos femininos; as moléstias venéreas; higiene íntima; funções normais; ensinamentos e conselhos úteis sobre práticas errôneas, processos inofensivos e equipamentos mais adequados; e muitos outros temas de maior importância. (A CENA MUDA, 8 Jul 1947. p. 33)

São quatorze capítulos, que como a revista diz, de grande importância, pois falam de como manter um corpo “limpo”, mas também sobre as práticas equivocadas realizadas pelas mulheres com o intuito de ensiná-las a cuidar de si e comportar-se de maneira adequada.

“Higiene Pessoal da Mulher” ensina a mulher a conhecer-se, pois acompanha sua vida íntima desde a puberdade até o casamento e a maternidade, oferecendo respostas para todas as perguntas e sugestões, para todas as circunstâncias difíceis da vida feminina. Peça um exemplar nas livrarias ou pelo reembolso postal. (A CENA MUDA, 8 jul. 1947. p. 33)

Um livro para todas as mulheres, adolescentes ou adultas, a suposta solução para todos os seus problemas, respostas para as perguntas que elas não poderiam fazer aos seus parceiros ou até mesmo a uma outra mulher. O livro era um provedor de um autoconhecimento e de solucionar questões na vida das mulheres.

Nesse contexto, vemos também propagandas de produtos com objetivos similares aos do livro. A seguir na edição de 2 de dezembro de 1947, a propaganda do produto *Metrolina*, um antisséptico, adstringente e bactericida íntimo para mulheres. Na mesma página, ainda vemos o *Juventude Alexandre*, um produto para cabelos brancos e que em outras edições aparece também com as funções de combate a caspa e queda de cabelo.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 7: Metrolina.



Fonte: A CENA MUDA. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana S.A. 2 de dezembro de 1947. p. 32.

Figura 8: Juventude Alexandre.



Fonte: A CENA MUDA. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana S.A. 28 de outubro de 1947. P. 34

Portanto, não é somente ter um corpo saudável, ser uma atriz ou ator que atua no cinema, na rádio e no teatro, é também ter uma rotina, seja de exercícios ou

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

de autocuidado e higiene, até porque nesse contexto a beleza e a saúde estão estreitamente ligados como diz Sant’Anna (2018, p. 63) “*Ao lado dos conselhos sobre maternidade e o casamento, os cuidados com os exercícios, a respiração e a alimentação ganharam um peso significativo, contribuindo para que se percebesse o quanto a saúde dependia da beleza e vice-versa.*”

Foram práticas constantes que colaboraram para a criação de uma estética comportamental comum da década de 1940 e que a revista tinha como função transmitir a sociedade.

Conclusão

Essas imagens produziram práticas educativas e culturais voltadas para transpor o universo cinematográfico de Hollywood para o cotidiano da vida dos leitores da revista. Como exposto ao longo do artigo, percebemos o quanto um determinado padrão de beleza branco foi colocado pelos discursos imagéticos disciplinando os corpos no contexto histórico da década de 1940, período marcado pelas consequências da Segunda Guerra Mundial, pelo *American Way of Life* e pela Política da Boa Vizinhança.

Como diz Michel de Certeau (1982), a colonização não se dá apenas nas conquistas territoriais, mas também na disseminação e implantação de uma cultura sob outra, que é justamente o que tentou e conseguiu fazer os Estados Unidos. Uma colonização é eficaz quando alcança a mentalidade, a cultura e os costumes de um povo e aí estão as causas de muitos dos problemas que enfrentamos até hoje. Através do cinema e de outros mecanismos midiáticos, como a revista A Cena Muda, foi possível trazer e disseminar esses padrões de corpo e beleza dos Estados Unidos ao Brasil.

REFERÊNCIAS

BONE, Emily. **A História da Moda**. 1ª Edição. São Paulo. Usborne. 2018.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Revista Espacialidades [online]. 2025, v. 1, n. 1, ISSN 1984-817X

[487]

CERTEAU, Michel. **A Escrita da história**; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

FERREIRA, Letícia Schneider. **O cinema como fonte da história**: elementos para discussão. 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão; 1 ed. Petrópolis, Vozes, 2013.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5. Ed. São Paulo: Ateliê Editora. 2014.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade**. 2003. 5ª Edição. Editora Vozes.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro. 2018. 4ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem**: fotografia e história interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 73-98.

PINNA, Márcia Raspanti. Vestindo o corpo: breve história da indumentária e da moda no Brasil, desde os primórdios da colonização ao final do Império. IN: **História do Corpo no Brasil**. Org. DEL PRIORE, Mary. AMANTINO, Marcia. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade